O sinal de Jonas: análise de Jonas 2,1-2.11 através da abordagem canônica

The Sign of Jonah: An Analysis of Jonah 2:1-2.11 through the Canonical Approach

José Vanol Lourenço Cardoso Júnior[1]

Submetido em: 13/01/2026
Aceito em: 19/01/2026

RESUMO

O presente artigo analisa Jonas 2,1-2.11 à luz da abordagem canônica de B. S. Childs, com o objetivo de compreender o significado do "Sinal de Jonas", citado em Mateus 12,40. Em um primeiro momento, apresenta-se a tradução do texto hebraico para o português, cuja segmentação respeita a sequência narrativa dos wayyqtol. Em seguida, são expostas as notas textuais e filológicas de Jn 2,1-2.11, mediante comparação entre o Texto Massorético, a Septuaginta e a Vulgata. Posteriormente, o texto de Jonas é analisado no contexto do Antigo Testamento, no qual Deus, onipotente e criador, tem controle sobre toda a criação e manifesta a sua misericórdia. No Novo Testamento, especialmente no Evangelho de Mateus, evidencia-se uma clara referência ao mistério da paixão, morte e ressurreição de Jesus. Por fim, propõe-se uma reflexão teológica na qual o livro de Jonas é compreendido como uma parábola no contexto canônico, em que Deus, na sua pedagogia, deseja a salvação de todos. Ao final, são apresentadas as referências bibliográficas para pesquisas posteriores.

Palavras-chave: Jonas, abordagem canônica, sinal de jonas, grande peixe, Brevard S. Childs.

ABSTRACT

This article analyzes Jonah 2:1-2.11 in light of the canonical approach of B. S. Childs, with the aim of understanding the meaning of the "Sign of Jonah" mentioned in Matthew 12:40. First, a translation of the Hebrew text into Portuguese is presented, with its segmentation following the narrative sequence of the wayyiqtol forms. Next, textual and philological notes on Jonah 2:1-2.11 are discussed through a comparison of the Masoretic Text, the Septuagint, and the Vulgate. Subsequently, the text of Jonah is examined within the context of the Old Testament, in which God, omnipotent and creator, exercises control over all creation and manifests his mercy. In the New Testament, particularly in the Gospel of Matthew, a clear reference emerges to the mystery of the passion, death, and resurrection of Jesus. Finally, the article proposes

[1] Mestre em Teologia Bíblica pela PUC-Rio. Docente na Faculdade Claretiana de Teologia (Studium Theologicum) e na Faculdade São Basílio Magno, Curitiba, Brasil. E-mail: josevanol@gmail.com.

a theological reflection in which the book of Jonah is understood as a parable within the canonical context, where God, in his pedagogy, desires the salvation of all. At the end, bibliographical references are provided for further research.

Keywords: Jonah, Cannonical Approuch, sign of Jonah, big fish, Brevard S. Childs.

1 Introdução

O presente artigo é uma proposta de análise de Jonas 2,1-2.11 através da abordagem canônica de Brevard Springs Childs e a metodologia utilizada será uma adaptação da metodologia por ele empregada no seu comentário ao livro do Êxodo publicado em inglês – *The Book of Exodus: A Critical, Theological Commentary* [*O Livro do Êxodo: um Comentário Crítico e Teológico*] (Childs, 2004). A abordagem canônica utiliza o texto final do cânon aceito pela comunidade como autoridade para conduzir sua vida e sua fé. A tarefa teológica de interpretação bíblica considera a Sagrada Escritura em seu conjunto, integrando a leitura do Antigo Testamento (AT) e do Novo Testamento (NT), situados no âmbito do único desígnio de Deus e do mistério pascal – morte e ressurreição de Jesus Cristo (Pontifícia Comissão Bíblica, 1993, p. 203-205).

A escolha do livro de Jonas para este trabalho surgiu por causa de suas particularidades, que o tornam completamente diferente no contexto do conjunto dos livros dos Doze Profetas Menores (Nogalski, 1993, p. 248). Quanto ao trecho escolhido, a motivação deu-se porque há uma clara referência a ele no Novo Testamento, em Mt 12,40, no assim chamado "Sinal de Jonas"; e, no que diz respeito à delimitação do texto, foram selecionados os versículos narrativos – Jn 2,1-2.11 – que formam uma micro-unidade narrativa completa, ficando de fora os versículos poéticos que contêm a oração ou salmo de Jonas (Jn 2,3-10).

O texto Jn 2,1-2.11 será analisado à luz da abordagem canônica (Childs, 1993, p. 70-71). Tal abordagem consiste em compreender o material bíblico, que foi transmitido por meio de tradições orais, literárias e de diferentes estágios redacionais, dentro de ambientes religiosos como escritos autoritativos para a fé comunitária. É nesse contexto de fé que se desenvolveu o processo de seleção, estabilização final e canonização do texto. Sendo assim, o texto de Jonas será considerado em sua versão final para este estudo, ao mesmo tempo em que se fará uma análise de como a passagem escolhida funciona no contexto canônico e de como poderia ser interpretada teologicamente no conjunto da Sagrada Escritura hoje.

Conforme dito acima, a metodologia adotada é uma adaptação dos passos utilizados por Childs no seu "The Book of Exodus: A Critical, Theological Commentary/*O Livro do Êxodo: um Comentário Crítico e Teológico*" (Childs, 2004). Assim, por meio de um processo de observação e de engenharia reversa (*"reverse engineering"*) sobre o texto de Childs, pode-se constatar que o seu método consiste nos seguintes procedimentos: (1) tradução; (2) notas textuais e filológicas; (3) os problemas das fontes, das formas e da história das tradições; (4) o contexto do Antigo Testamento; (5) o contexto do Novo Testamento; (6) a história da exegese e (7) uma reflexão teológica.

Dado o fato de que Childs trabalhou sobre o livro do Êxodo, um livro com características completamente diferentes daquelas do livro de Jonas, e por causa da brevidade desta pesquisa, não foi possível aplicar os procedimentos elencados na sua totalidade sobre o texto de Jonas 2,1-2.11. No entanto, excluindo os procedimentos "3"[2]

[2] Maiores informações sobre livro de Jonas (suas diversas interpretações e problemas quanto à composição, datação, autoria e mensagem) podem ser encontradas em Alonso Schökel e Sicre Díaz (1991, p. 1037-1044).

e "6"[3], através daquilo que se pode aproveitar da abordagem canônica, procurar-se-á dar uma resposta à pergunta: "O que significa o sinal de Jonas?", que aparece inclusive no Evangelho de Mateus (Mt 12,40).

2 Tradução de Jonas 2,1-2.11

Seguindo os passos de Chids, o primeiro procedimento a ser realizado diz respeito a uma proposta de tradução. Para facilitar a visualização e análise, apresentamos o texto de Jn 2,1-2.11, contendo em paralelo o Texto Massorético (TM) extraído da Bíblia Hebraica Stuttgartensia (Elliger; Rudolph, 1997, p. 1032) e a nossa proposta de tradução ao português. A segmentação do texto em cinco microunidades foi estabelecida de acordo com a sequência narrativa dos *wayyqtol* do texto hebraico. Tal procedimento permite perceber a unidade narrativa e, ao mesmo tempo, a simplicidade e a beleza de como o texto está estruturado.

Quadro 1 – Texto hebraico e tradução de Jonas 2,1-2.11

Texto Hebraico – TM		Tradução ao português
וַיְמַן יְהוָה דָּג גָּדוֹל לִבְלַע אֶת־יוֹנָה וַיְהִי יוֹנָה בִּמְעֵי הַדָּג שְׁלֹשָׁה יָמִים וּשְׁלֹשָׁה לֵילוֹת׃	1	O Senhor designou um grande peixe para engolir Jonas E Jonas esteve no ventre do peixe três dias e três noites.
וַיִּתְפַּלֵּל יוֹנָה אֶל־יְהוָה אֱלֹהָיו מִמְּעֵי הַדָּגָה׃	2	Então, Jonas orou ao Senhor seu Deus do ventre do peixe
וַיֹּאמֶר יְהוָה לַדָּג וַיָּקֵא אֶת־יוֹנָה אֶל־הַיַּבָּשָׁה׃	1 1	e o Senhor falou ao peixe, e ele vomitou Jonas sobre a terra firme.

Fonte: o autor (2025).

3 Notas textuais e filológicas sobre Jonas 2,1-2.11

Do ponto de vista textual, extraindo o assim chamado *Salmo de Jonas* (Jn 2,3-10) que fora construído em forma poética, o texto que sobra é Jn 2,1-2.11. Este texto forma uma unidade narrativa completa em torno da figura do grande peixe designado por Deus para salvar Jonas, e sua forma hebraica é bastante homogênea, não havendo nenhuma nota no aparato crítico da Bíblia Hebraica Stuttgartensia. Contudo, essa unidade narrativa, que pode ser dividida em cinco micro-unidades de acordo com a sequência dos *wayyiqtol*, será também comparada com os textos da Septuaginta (LXX) (Rahlfs; Hanhart, 2006, p. 527-528) e da Vulgata (Weber; Gryson, 2007, p. 1398), versões que exerceram grande influência sobre o cristianismo.

[3] Para um maior aprofundamento, principalmente sobre a história da interpretação do libro de Jonas, há este importante trabalho de Tiemeyer (2022).

Quadro 2 – Comparação entre o Texto Massorético, a Septuaginta e a Vulgata

	TM / LXX / Vulgata	
A	וַיְמַן יְהוָה דָּג גָּדוֹל לִבְלַע אֶת־יוֹנָה καὶ προσέταξεν κύριος κήτει μεγάλῳ καταπιεῖν τὸν Ιωναν et praeparavit Dominus piscem grandem ut degluttiret Ionam	1
B	וַיְהִי יוֹנָה בִּמְעֵי הַדָּג שְׁלֹשָׁה יָמִים וּשְׁלֹשָׁה לֵילוֹת׃ καὶ ἦν Ιωνας ἐν τῇ κοιλίᾳ τοῦ κήτους τρεῖς ἡμέρας καὶ τρεῖς νύκτας. et erat Iona in ventre piscis tribus diebus et tribus noctibus.	
C	וַיִּתְפַּלֵּל יוֹנָה אֶל־יְהוָה אֱלֹהָיו מִמְּעֵי הַדָּגָה׃ καὶ προσηύξατο Ιωνας πρὸς κύριον τὸν θεὸν αὐτοῦ ἐκ τῆς κοιλίας τοῦ κήτους. et oravit Iona ad Dominum Deum suum de utero piscis.	2
D	וַיֹּאמֶר יְהוָה לַדָּג καὶ προσετάγη τῷ κήτει et dixit Dominus pisci	11
E	וַיָּקֵא אֶת־יוֹנָה אֶל־הַיַּבָּשָׁה׃ καὶ ἐξέβαλεν τὸν Ιωναν ἐπὶ τὴν ξηράν. et evomuit Ionam in aridam.	

Fonte: o autor (2025).

(a) *O Senhor designou um grande peixe para engolir Jonas:* o primeiro verbo de **A** é וַיְמַן, *wayyiqtol Piel* 3sg. masc. de מנה, que neste contexto significa "atribuir, designar, outorgar, destinar".[4] Esta forma verbal aparece quatro vezes em Jonas (2,1; 4,6.7.8) tendo Deus como sujeito (Sasson, 2008, p. 148) e uma vez em Dn 1,5 no qual o sujeito é o rei (outras formas de מנה ao *Piel* podem ser encontradas também em Jó 7,3; Sl 61,8; Dn 1,10.11; Jn 1,5). A forma וַיְמַן foi traduzida ao grego com προσέταξεν, indicativo aoristo ativo 3sg. de προστάσσω, que além do sentido da forma latina *praeparavit* do verbo *praepăro* – "preparar, organizar, predispor",[5] tem também o sentido de "comandar, dar ordem, prescrever, estabelecer".[6]

דָּג גָּדוֹל – o autor fala somente de um grande peixe de modo genérico, traduzido ao latim como *"piscem grandem"*. No AT, o termo דָּג é atestado 19 vezes para indicar os "peixes do mar", a "porta dos peixes" ou em outras frases nas quais se utiliza a palavra peixe[7]. Na LXX, o termo דָּג (e דָּגָה) foi traduzido prevalentemente com o termo "ἰχθύς/peixe". Porém, o livro de Jonas é uma excessão cuja tradução foi feita com o termo "κῆτος/cetáceo" por 4 vezes. Assim, a expressão em grego ficou "κήτει μεγάλῳ/cetáceo grande", no dativo, como objeto indireto do verbo principal. A palavra κῆτος,-εος,τό[8] se refere a qualquer tipo de "monstro marinho" ou "peixe de grandes dimensões". Normalmente κῆτος é usado para os תַּנִּין *(Tannin)*, לִוְיָתָן *(Leviatã)* e רַהַב *(Rahab)* (Botterweck, 2002, p. 155), termos que se referem a "dragão ou monstro

4 Todas as referências ao significado das palavras hebraicas, quando não há uma citação explicita, provêm de Alonso Schökel (1997).

5 Os significados das palavras latinas presentes neste artigo foram obtidos a partir de Istituto de Agostini, (2009). Além do uso do referido dicionário, também foi consultado o Thesaurus Linguae Latinae (TLL) Online.

6 As referências ao significado das palavras gregas provêm de Kittel e Friedrich (1981) ou, quando um vocábulo não foi encontrado em tal léxico, foi utilizado Montanari (2013).

7 A palavra "דָּג/peixe" nas suas diversas formas está presente em Gn 9,2; Nm 11,22; 1Rs 5,13; 2Cr 33,14; Ne 3,3; 12,39; 13,16; Jó 12,8; 40,31; Sl 8,9; Ecl 9,12; Ez 38,20; Os 4,3; Jn 2,1[2x].2.11; Ab 1,14; Sf 1,3.10.

8 O termo κῆτος está presente em Gn 1,21; 3Mc 6,8; Odes 8,79; Jó 3,8; 9,13; Eclo 43,25; Jn 2,1[2X]; 2,2; 2,11; Dn 3,79.

marinho" ou, então, a "seres mitológicos" ligados ao mar ou às forças do caos (Levenson, 1994, p. 7-13). Na obra a "história dos animais" de Aristoteles fala-se inclusive "dos cetáceos", de onde provém, talvez, a ligação com aquilo que se tornaria o imaginário popular a respeito da famosa "baleia" (Aristóteles, *Hist. An.*, Livro VII[VIII], 589b; Fernandes, 2012, p. 14); no que diz respeito ao adjetivo "גָּדוֹל/grande", este aparece repetidas vezes no livro de Jonas: "הָעִיר הַגְּדוֹלָה/cidade grande" (1,2; 3,2.3; 4,11); "רוּחַ־ גְּדוֹלָה/grande vento" e "סַעַר־גָּדוֹל/grande tempestade" (1,4.12); "יִרְאָה גְדוֹלָה/grande medo" (1,10.16); "מִגְּדוֹלָם/desde o maior deles" e "וּגְדֹלָיו/e os seus grandes" (3,5.7 – substantivado); "רָעָה גְדוֹלָה/grande mal" (4,1); "שִׂמְחָה גְדוֹלָה/grande alegria" (4,6) – tudo é "grande"! – há o uso abundante de hipérboles para intensificar o caráter dramático da narrativa. De igual modo também é grande a misericórdia de Deus.

Já o infinitivo "לבלע/engolir" funciona como um complemento de "וַיְמַן/designou", isto é, Deus designa alguém para fazer alguma coisa, formando uma oração subordinada final. A LXX traduziu tal termo com o infinitivo aoristo ativo καταπιεῖν, respeitando exatamente o hebraico. A Vulgata ao invés de usar uma oração final com o infinitivo, usa uma oração final construída com o subjuntivo imperfeito *degluttiret*. A respeito do sentido do verbo בלע, assim como dos verbos καταπίνω e *dēglūttĭo*, não há problemas e o significado é "engolir, deglutir, devorar" (ao *Piel* tem também o sentido de "destruir, exterminar").

(b) *E Jonas esteve no ventre do peixe três dias e três noites:* uma outra palavra que merece atenção é מֵעֶה, uma palavra que aparece na sua forma plural construta no AT, tanto no segmento **B,** como no segmento **C**, sempre associada ao peixe e precedida de uma preposição de lugar (A - בִּמְעֵי הַדָּג; B - מִמְּעֵי הַדָּגָה). O significado de מֵעִים é "vísceras, ventre, estômago, barriga, intestinos", termo traduzido ao grego com κοιλία e ao latim com *venter*, que conservam o mesmo significado, mas que podem ser utilizados inclusive em sentido figurado para referir-se a "ventre materno, útero".

A expressão temporal "שְׁלֹשָׁה יָמִים וּשְׁלֹשָׁה לֵילוֹת/três dias e três noites" também está presente em 1Sm 30,12 (e em Est 4,16 aparece שְׁלֹשֶׁת יָמִים לַיְלָה וָיוֹם) e somente a primeira parte, três dias, está presente inclusive em 1Rs 12,5 e 2Rs 2,17. Em expressão temporal, o número "3" também é usado para falar do tamanho de Nínive "extensa *três* dias de caminho" em Jn 3,3.

(c) *Então, Jonas orou ao Senhor seu Deus do ventre do peixe:* a forma verbal וַיִּתְפַּלֵּל *, wayyiqtol Hitpael* 3 masc. sg. de פלל, neste contexto tem o sentido de "suplicar, rezar, orar, implorar, pedir" e sempre é traduzida na LXX com o verbo προσεύχομαι que, além do significado de פלל já expresso, tem também o senso de "adorar". Ao latim, no entanto, o verbo usado é *ōro* que tem como sentido primário "falar, discursar, falar em público", mas que no contexto religioso e bíblico é usado com o sentido de "orar, invocar, suplicar, implorar, pedir rezando".

Algumas observações: À primeira vista, observa-se nesta micro-unidade textual a palavra "יהוה/YHWH" vem acompanhada pelo termo "אֱלֹהִים/Deus" com o sufixo de 3 masc. sg., יְהוָה אֱלֹהָיו – "o Senhor, seu Deus". A palavra אֱלֹהִים é utilizada 16 vezes, sendo 15 vezes[9] se referindo a *Adonai* e uma vez em referência aos outros deuses (1,5) no livro de Jonas. Já יהוה é utilizada 26 vezes[10], porém seguida por אֱלֹהִים somente quatro vezes em Jn 1,9; 2,2; 2,7 e 4,6.

Num segundo momento, salta aos olhos a palavra הַדָּגָה quando se esperaria somente הַדָּג como em **B** e em consonância com דָּג em **A** e לַדָּג em **D**. A palavra para peixe, דָּג , é masculina, mas mas com uma letra *he* a mais – **דָּגָה** – ela se torna: (1) *feminina*; (2) porém,

9 Jn 1,6 (2x); 1,9; 2,2.7; 3,3.5.8.9; 3,10(2x); 4,6.7.8.9.

10 Jn 1,1; 1,3 (2x); 1,4.9.10; 1,14 (3x); 1,16 (2x); 2,1.2.3.7.8.10.11; 3,1.3; 4,2 (2x); 4,3.4.6.10.

em hebraico, a forma feminina também pode ser usada como um termo *coletivo* (Joüon; Muraoka, 2013, §134p, p. 465), logo דָּגָה é igual a "peixes, pescado, cardume" (Joüon; Muraoka, 2013, §93c-e, p. 256-257) (Waltke; O'Connor, 1990, §10.5, p. 185-186); (3) esta *he* final poderia ser também um vestígio do antigo acusativo que permaneceu como *Vogal Paragógica Direcional* (ה direcional) (Joüon; Muraoka, 2013, §93c, p. 256) ou *Locativa* depois de uma preposição (Joüon; Muraoka, 2013, §93f, p. 257). Esta última possibilidade como *Vogal Paragógica Locativa* depois de uma preposição faz mais sentido no contexto da perícope, porém tomando essa possibilidade nasce uma pergunta: por que em **B**, em בְּמֵעֵי הַדָּג, não ocorre este mesmo fenômeno? A **em** ה **C** seria somente um recurso estilístico? Um erro escribal? Ou, então, indicaria um nível redacional diverso daquele versículo juntamente com toda a oração? Mas uma coisa mais estranha ainda é o fato de o tradutor da Vulgata ter traduzido מִמְּעֵי הַדָּגָה com a expressão *"de* ***utero*** *piscis"* onde se esperaria *"de* ***ventre*** *piscis"*: Teria o tradutor latino um texto hebraico diferente? Por que ele usou *"utero"*, uma palavra técnica para "útero, seio, ventre materno, gravidez"? Seria uma interpretação simbólica na qual o peixe quando engole Jonas torna-se 'grávido' e quando o vomita isto significaria como que um parto por meio do qual é concedido a Jonas um novo nascimento? Riordan é da opinião de que não se poderia excluir a possibilidade de uma influência do NT no tradutor latino, vendo Jonas como um "nascido de novo"[11]. Tiemeyer, no entanto, argumenta que a palavra דָּגָה seria somente uma forma arcaica de alongamento para a forma nominal (Tiemeyer, 2017, p. 323).

(d) *e o Senhor falou ao peixe:* aqui a Vulgata contém uma tradução que conserva exatamente o mesmo sentido do hebraico. Por outro lado, a LXX traz um texto diverso: καὶ προσετάγη τῷ κήτει ("e foi dada uma ordem ao monstro marinho"). A LXX omite o sujeito κύριος; em vez de traduzir וַיֹּאמֶר com a forma esperada padrão de todo o AT – καὶ εἶπεν, utilizou a forma verbal προσετάγη, indicativo aoristo passivo 3sg. de προστάσσω (cf. **A**). A omissão do sujeito e o uso da forma passiva seria um recurso estilístico? O emprego do verbo προστάσσω seria para reforçar o paralelismo entre Jn 2,1 e Jn 2,11? Ou seria uma indicação de uma *Vorlage* hebraica diversa daquela do TM? Ou, então, simplesmente poder-se-ia dizer que o tradutor ao fazer a omissão do sujeito (יְהוָה), que seria traduzido como κύριος, usa um passivo divino conservando o mesmo sentido do texto.

(e) *e ele vomitou Jonas sobre a terra firme:* וַיָּקִא, *wayyqtol hifil* 3sg. masc. do verbo קיא, significa "vomitar, regurgitar, devolver"[12]. A LXX traduz este verbo com ἐξέβαλεν, indicativo aoristo ativo 3sg. de ἐκβάλλω, que significa "lançar para fora, expulsar, ejetar; expelir, vomitar", mas também pode ter o significado de "parir, dar à luz, generar". A Vulgata utilizou o termo *evomuit*, indicativo perfeito 3sg. di *ēvŏmo*, que além do sentido de קיא significa também "emitir, lançar fora, derramar".

Outra palavra que merece atenção é יַבָּשָׁה que ocorre 14 vezes[13] no AT. Essa palavra significa "terra firme, continente; terra não irrigada, ermo". A LXX traduziu com ξηρά que significa "terreno enxuto, seco, não irrigado; região árida" e a Vulgata com a expressão *in aridam* que conserva o mesmo sentido. A CEI traduziu esta palavra como "*l'asciutto*" (9X), "*terraferma*" (1X), "*terreno arido*" (1X), "*terra*" (1X) e "*spiaggia*" (2X)"[14].

Digno de nota, do ponto de vista estilístico, é a presença de paralelismo entre Jn 2,1 [***a)*** Deus ordena ***b)*** ao peixe ***c)*** para engolir ***d)*** Jonas ***e)*** *que está no mar*] e Jn 2,11 [***a')*** Deus

---

11 O Dr. Joseph Riordan, S.J., gentilmente fez a leitura deste texto no ano de 2024 e fez suas valiosas observações.

12 **קיא** aparece 9 vezes no AT: Lv 18,25.28(2X); Lv 20,22; Jó 20,15; Pr 23,8; 25,16; Jr 25,27 e Jn 2,11.

13 Gn 1,9.10; Ex 4,9; 14,16.22.29; 15,19; Js 4,22; Ne 9,11; Sl 66,6; Is 44,3; Jn 1,9.13 e Jn 2,11.

14 O texto analisado foi o da tradução da Conferência Episcopal Italiana (La Bibbia di Gerusalemme, 2014).

ordena ***b')*** ao peixe ***c')*** para vomitar ***d')*** Jonas ***e')*** sobre a terra firme]. Entre *c* e *c',* assim como entre *e* e *e',* o paralelismo é antonímico – [(engolir X vomitar) e (mar X terra firme)]. Seja do ponto de vista narrativo, seja do ponto de vista estrutural, o versículo Jn 2,2 [cf. **C**] ocupa a posição central, pondo ênfase sobre a oração de Jonas. O conteúdo desta oração, ou melhor, a oração em si será toda a parte poética presente em Jn 2,3-10, porém ela não será estudada nesta análise.[15]

4 O contexto do Antigo Testamento

O livro de Jonas situa-se no âmbito da literatura profética e é parte integrante do rolo dos *Profetas Menores* ou, de acordo com a LXX, eles formam o conjunto chamado Δωδεκαπροφήτον (Cavallotto, 2023, p. 331-337). Esses livros recebem tal designação não porque sejam menos importantes ou apresentem conteúdos menos profundos, mas porque contêm textos relativamente breves (Scalabrini, 2019, p. 224). Quanto à unidade do conjunto literário, parece ser mais adequado afirmar que os *Doze Profetas Menores* formam uma antologia e, nesse sentido, é possível falar de uma relação entre eles (Lima, 2007, p. 215).

Outros, porém, consideram o conjunto como uma unidade e, no âmbito da abordagem canônica, segundo a proposta de House (1990, p. 71 e 124), no livro *The Unity of the Twelve*, pode-se considerar a profecia como um gênero literário próprio e, no plano literário (estrutura, enredo, personagens), identifica-se uma estrutura narrativa (*Comic Plot* ou *U-shaped Plot*) composta por: (a) introdução (Os e Jl); (b) complicação (Am, Ab, **Jn** e Mq); (c) crise (Na e Hab); (d) ação transformadora (Sf); (e) resolução (Ag, Zc e Ml). Do ponto de vista temático, os seis primeiros livros examinam a Aliança e a natureza cósmica do *pecado* (Os, Jl, Am, Ab, **Jn** e Mq); os três livros seguintes apreendem a essência da *punição* cósmica no contexto da Aliança (Na, Hab e Sf); e os três últimos livros narram a possibilidade, a esperança, de uma *restauração* (Ag, Zc e Ml).

Após essas considerações, pode-se afirmar que o livro de Jonas apresenta características particulares que o tornam diferente dos demais escritos do Antigo Testamento, em razão de seu caráter parabólico. Por um lado, segundo a opinião de K. Budde, a inserção desse escrito no Cânon Profético entre os Doze Profetas Menores teria sido feita apenas para completar o número doze. Por outro lado, F. E. König sugere que o livro de Jonas ocupa um lugar especial dentro do cânon, após Abdias. Sua justificativa baseia-se na tese de que "um mensageiro foi enviado entre as nações" (Ad 1,1), a qual encontraria uma clara ilustração por meio da história de Jonas (Smith; Bewer, 1912, p. 11).

Também há pontos comuns entre alguns estudiosos ao considerar o livro de Jonas como um midraxe do Livro dos Reis (2Rs 14,25), segundo os quais o lugar adequado dessa obra seria após 2Rs 14,27; ou ainda ao situá-lo não sob Jeroboão II, mas no contexto do governo de Manassés, juntamente com o livro de Naum, que trata da queda de Nínive (Smith; Bewer, 1912, p. 9-10). Contudo, este artigo não entrará nessas

15 Para um estudo mais detalhado sobre a parte poética de Jonas 2 e sua estrutura, cf.: COUFFIGNAL, Robert. Le Psaume de Jonas (Jonas 2,2-10): Une catabase biblique, sa structure et sa function. *Biblica*, Roma, v. 71, n. 4, p. 542-552, 1990; SOGGIN, Jan Alberto. Il 'segno di Giona' nel libro del Profeta Giona. *Lateranum,* Roma, v. 48, p. 70-74, 1982; NOGALSKI, James. *Redactional processes in the Book of the Twelve.* Berlin: De Gruyter, 1993. p. 252-255; SASSON, Jack M. *Jonah: A new translation with introduction, commentary, and interpretation.* (Anchor Yale Bible 24B). New Haven; London: Yale University Press, 2008. p. 159-215; CHRISTENSEN, Duane Lewis. The song of Jonah: a metrical analysis. *JBL* 104/2, p. 217-231*,* 1985; WALSH, Jerome Thomas. Jonah 2,3–10: A Rhetorical Critical Study. *Biblica,* Roma, v. 63, p. 219-229, 1982; CROSS, Frank Moore. Studies in the Prosody of Hebrew Verse: The Prosody of the Psalm of Jonah. *In: The Quest for the Kingdom of God.* Winona Lake: Eisenbrauns, 1983. p. 159-167.

questões, mas concentrar-se-á agora apenas na micro-unidade narrativa de Jn 2,1-2.11, apresentando uma lista dos principais contatos com outros textos do Antigo Testamento, com o auxílio da intertextualidade.

Procedendo assim, por meio da análise do termo "דָּג/peixe", em conexão com "יהוה/YHWH" ou "אֱלֹהִים/Deus", estabeleceram-se os critérios de contatos intertextuais, levando em conta as ocasiões em que Deus dá algum tipo de comando ou ordem aos peixes e a outros seres viventes para realizar algo em benefício do ser humano. Assim procedendo, foi encontrado o primeiro contato com o Antigo Testamento no livro do Gênesis, em Gn 9,2, onde Deus abençoou Noé e seus filhos quando eles saíram da arca após o dilúvio.

Em Gn 9,1, Deus repete aquilo que foi dito no relato da criação, em Gn 1,28 – "Sede fecundo, multiplicai-vos e enchei a terra". E, em Gn 9,2-3 – "Sede o medo e o pavor de todos os animais da terra e de todas as aves do céu, como de tudo o que se move na terra e de todos *os peixes* do mar: eles são entregues nas vossas mãos. Tudo o que se move e possui vida vos servirá de alimento, tudo isso eu vos dou, como dei a verdura das plantas". Ele repete aquilo que fora narrado na narrativa da criação (Gn 1,29-30).

Por meio desse contato intertextual, pode-se estabelecer uma *sýnkrisis*[16] entre Jn 2,1-2.11 e o relato do "Dilúvio". Por um lado, no contexto do dilúvio, Deus salva Noé das águas por meio da arca e, depois de Noé sair da arca, em Gn 9, Deus concede uma nova oportunidade à humanidade (estabelece uma Aliança) para recomeçar. Por outro lado, Deus salva Jonas das águas por meio do grande peixe[17] e, após Jonas sair do peixe, Deus lhe concede uma nova possibilidade para retomar sua missão profética (Jn 3,1-2).

Outro elemento presente em Gn 9,2 corresponde ao fato de que Deus se manifesta como *criador*, tem poder sobre toda a criação e pode comandar a natureza e os animais. Ele tem poder sobre a vida do ser humano e de todos os seres viventes. Essa ideia também está presente no livro de Jó – "Pergunta, pois, aos animais, e eles te ensinarão; às aves do céu, e elas te informarão; fala à terra, e ela te instruirá; e *os peixes* do mar te contarão. Quem, dentre todos eles, não sabe que a mão do Senhor fez isto? Em sua mão está a vida de todo ser vivente e o sopro de todo ser humano" (Jó 12,7-10) –, ou ainda no Salmo 8, onde o contato semântico se estabelece no v. 9.

Essa ideia de Deus como criador no livro de Jonas é reforçada por meio de outros contatos intratextuais nos quais Deus é explicitamente descrito dessa maneira. O primeiro exemplo é Jn 1,9, quando Jonas se apresenta aos marinheiros: "Sou hebreu e temo o Senhor, o Deus do céu, que fez o mar e a terra"; outro ocorre em Jn 4,6, quando Deus faz crescer uma momoneira (קִיקָיוֹן), bem como quando envia o verme que a devora e a faz secar no versículo seguinte. O poder de Deus sobre a criação manifesta-se também quando Ele faz levantar o vento e a tempestade sobre o mar (Jn 1,4); quando acalma o mar e a tempestade (Jn 1,15); quando envia o grande peixe para engolir (Jn 2,1) e vomitar Jonas na praia (Jn 2,11); após o episódio da planta e do verme, quando faz soprar o vento e faz o sol ferir Jonas; Ele é capaz de destruir Nínive (Jn 3,4), mas também de ser misericordioso (חָסָד), capaz de ter compaixão (חוס) da grande cidade, da vida das pessoas e dos animais (Jn 4,11), seres viventes da criação.

---

16 *Sýnkri-sis* é uma técnica literária que foi utilizada por Plutarco na elaboração de biografias de personagens gregos e romanos, colocados dois a dois, na famosa coleção Βίοι Παράλληλοι (Vidas Paralelas), na qual ele estabelecia um paralelo entre os personagens, destacando suas semelhanças e suas diferenças (Aletti, 2017, 26-31).

17 Entre as interpretações racionalistas, uma hipótese é a de que o navio que resgatou Jonas se chamava "O Grande Peixe"; outras sustentam que o cap. 2 seria um sonho de Jonas etc. (Maier, 1976, p. 51).

Tanto a vida de Jó quanto a vida de Jonas estão nas mãos de Deus; contudo, a atitude de um é completamente diferente da do outro. O primeiro permanece obediente até o fim, mas, por causa do sofrimento, deseja a morte; o segundo também deseja a morte, porém em razão de sua desobediência e de sua fuga da presença de Deus. Essa fuga é expressa no livro de Jonas por meio de uma série de ações descendentes, como: descer a Jope e embarcar para Társis (Jn 1,3); descer ao porão do navio, deitar-se e cair em profundo sono (Jn 1,5); ser lançado ao mar; e permanecer no ventre do peixe por três dias e três noites (Jn 2,1). No chamado Salmo de Jonas, fala-se ainda da descida ao Sheol (שְׁאוֹל), a morada dos mortos, lugar de onde o protagonista clamou e Deus o ouviu (Jn 2,3).

Quanto à expressão *"três dias e três noites"*, além de Jonas, há apenas outras duas ocorrências no Antigo Testamento, encontradas em 1Sm 30,12 e Est 4,16. No texto de 1 Samuel, o contexto é o da batalha contra os amalecitas. Davi e seus homens encontram um egípcio, servo de seus inimigos. Esse servo havia sido abandonado no deserto por causa de sua doença e fazia *"três dias e três noites"* que não comia nem bebia. Segundo Landes (1967, p. 447), isso indicaria o tempo durante o qual Jonas permaneceu dentro do grande peixe sem sustento físico, bem como o fato de Jonas ter estado com sua vida em grave perigo.

O texto de Ester 4,16 apresenta temática semelhante quanto à privação de comida e bebida; contudo, aqui não se trata de uma privação por razões externas, mas de um jejum voluntário. Nesse texto, Ester pede a Mardoqueu: "Vai reunir todos os judeus de Susa. Jejuai por mim. Não comais nem bebais por *três dias, noite e dia*. Também eu e minhas servas jejuaremos do mesmo modo; depois entrarei à presença do rei, ainda que seja contra a lei e, se eu tiver de perecer, perecerei!". A razão desse pedido de jejum deve-se ao fato de que Amã havia promulgado um decreto de extermínio dos judeus. A vida de Ester e de seu povo estava gravemente ameaçada. Ester precisava ir ao rei Assuero[18] para interceder por si mesma e por seu povo.

5 O contexto do Novo Testamento

O livro de Jonas é evocado no Novo Testamento apenas nos Evangelhos Sinóticos, quando se fala do "Sinal de Jonas" (Mt 12,38-42; Lc 11,29-32). Mateus cita explicitamente Jonas 2,1b na versão grega da LXX: "Assim como *Jonas permaneceu três dias e três noites no ventre do monstro marinho*, assim ficará o Filho do Homem três dias e três noites no seio da terra" (Mt 12,40) (D'Hamonville, 2022, p. 114). Lucas fala apenas do sinal de Jonas. Marcos, no mesmo contexto de Mateus e Lucas, não faz referência a Jonas (Mc 8,11-13).

O contexto em que Jesus fala sobre o sinal de Jonas é um momento de conflito com os escribas e os fariseus. No Evangelho de Mateus, de acordo com Luz, o texto de Mt 12,40 pode ser compreendido da seguinte forma:

> A explicação de Mateus segue no v. 40. Ela se vincula àquilo que, para todo judeu, era a parte mais importante da história de Jonas: o seu salvamento do ventre do peixe após três dias e três noites. Jn 2,1 é citado literalmente. O paralelo entre Jonas e o destino de Jesus é tanto mais claro porque já o salmo de Jn 2 interpretava o ventre do peixe recorrendo a imagens míticas da morte: o salvamento de Jonas do peixe é um salvamento da morte. No judaísmo, três dias são um número simbólico: «Deus não deixa o justo em uma situação crítica por mais de três dias». Ao Filho do Homem acontecerá o mesmo que aconteceu a Jonas. O nosso *logion* é um *logion* do Filho do Homem tipicamente mateano: o Filho do Homem Jesus é, para Mateus, aquele de quem

[18] O Livro de Ester, no Texto Massorético, apresenta o nome do rei persa como Assuero, mas no Texto Grego o nome desse mesmo personagem é Artaxerxes.

> ele narra no seu evangelho a história da vida, da paixão e da morte, da ressurreição, da exaltação e da parusia. O Filho do Homem Jesus «no coração da terra» significa certamente 'no túmulo'. A descida de Jesus aos infernos, tão importante para a interpretação eclesiástica, seria uma ideia única e isolada na tradição sinótica e, por isso, bastante improvável, ainda que não possa ser totalmente excluída. Mateus não fala explicitamente da ressurreição, mas a ideia está sem dúvida pressuposta: não se pode recordar a história de Jonas sem pensar simultaneamente no seu salvamento, nem falar, como judeu, dos 'três dias' sem pensar que, após tal intervalo, Deus intervém em favor dos seus justos. Mt 27,62s retomará o nosso trecho e ali Mateus fala mais uma vez da ressurreição de Jesus 'depois de três dias': são justamente os fariseus que, diante de Pilatos, lembram que Jesus a havia predito. Entre 'três dias e três noites' e 'o terceiro dia' não há, para Mateus, nenhuma contradição, pois em 27,64 ele retoma as palavras 'depois de três dias' por meio de 'até o terceiro dia', a expressão mateana habitual para indicar o momento da ressurreição. O evangelista pouco se interessa pelo intervalo temporal exato; o que é importante para ele é que Jonas, «o profeta», prefigure tipologicamente, com o seu destino, o acontecimento da morte e da ressurreição de Jesus. Este é, portanto, o 'sinal' que Deus dará a esta geração (Luz, 2010, p. 351-352, tradução nossa).

Por meio da expressão "três dias" podem-se encontrar alusões em outras passagens dos Sinóticos, como, por exemplo, em Mateus (Mt 16,21; 17,22; 20,19; 27,63), Marcos (Mc 8,31; 9,31; 10,34) e Lucas (Lc 9,22; 18,33; 24,7.21). Em todas essas passagens fala-se do mistério da paixão e morte de Jesus e de que, depois de "três dias", ele ressuscitará. Esses textos, mas sobretudo Mt 12,40, deixam claro que Jonas é um *tipo* para Jesus (ou melhor, um *antítipo*) e o grande peixe é um *tipo* para o túmulo/morte (Tiemyer, 2017, p. 99). Há também outros lugares em que se pode encontrar o número três em expressões temporais, mas que, segundo Bauer (1958, p. 355), representariam um tempo relativo, como, por exemplo, em italiano quando se diz *"un paio di giorni"*, e tais textos não teriam ligação com o livro de Jonas.

Ainda que não haja uma conexão direta com Jn 2,1-2.11, objeto material deste estudo, no contexto da "tempestade acalmada" (Mc 4,35-42 || Mt 8,18.23-27 || Lc 8,22-35), pode-se estabelecer uma ligação com o primeiro capítulo de Jonas. Assim, observa-se uma conexão na qual "Jesus é apresentado paradoxalmente enquanto "dorme à popa" sobre um "travesseiro", exatamente como Jonas no porão do navio. Os discípulos o despertam, indignando-se com esse sono fora de lugar, do mesmo modo que o capitão faz com Jonas!" (D'Hamonville, 2022, p. 115). Contudo, do ponto de vista da tipologia bíblica, aqui se reproduz aquilo que Alonso Schökel e Sicre Díaz afirmam:

> Antes de prosseguirmos, eis duas palavras sobre a aplicação cristológica. Apenas a permanência de Jonas no ventre do peixe pode ser considerada como tipo de descida de Cristo ao seio da terra (Mt 12,38ss). Quando muito, conforme Lc 11,29ss, poderíamos considerar o enfrentamento de Jonas com os ninivitas como sinal do enfrentamento de Cristo com os seus contemporâneos. O paralelismo não vai além disso. Porque Cristo jamais foge de Deus nem da sua palavra, não opõe resistência, não desce ao seio da terra por causa dos seus pecados, não se magoa com Deus. Cristo é todo o contrário disso. Antes do que antitipo de Jonas, Cristo é o anti-Jonas (Alonso Schökel; Sicre Díaz, 1991, 1038).

Quanto aos "três dias" em que Jonas permaneceu no ventre do peixe (Jn 2,1b), estes podem ser entendidos em sentido simbólico. De acordo com Pikaza Ibarrondo (2017, nota 305), Jonas teve de morrer simbolicamente, permanecendo três dias no ventre do grande peixe, para agir como um verdadeiro profeta. Por outro lado, o Filho do Homem deverá morrer de fato, pois sem a entrega da vida não se poderia falar nem de

messianismo nem de sinal de Deus. Cirilo de Jerusalém, em suas *Catequeses*, já havia feito uma associação entre esse tempo em que Jonas permaneceu no interior do peixe e o Tríduo Pascal, bem como com o batismo, por meio do qual, nas águas, morre-se para o pecado e ressuscita-se para uma vida nova com Cristo (D'Hamonville, 2022, p. 118).

6 Uma reflexão teológica

De acordo com Childs (1979, p. 426), o livro de Jonas funciona como uma parábola no contexto canônico, no qual a sua historicidade não é o aspecto central, mas sim a sua função teológica em um contexto mais amplo. A maneira como foi escrito é única no conjunto dos Doze Profetas (não contém oráculos de Jonas nem propriamente uma biografia sua, e o profeta resiste à vontade de Deus). A forma canônica do livro de Jonas nos oferece um exemplo de processo editorial, como, por exemplo, o que se pode observar claramente no capítulo dois: há uma moldura narrativa (Jn 2,1-2.11), como já foi visto neste trabalho, e, no centro, encontra-se o chamado "Salmo de Jonas" (Jn 2,3–10), com linguagem distinta e estilo poético.

> A forma canônica do livro de Jonas resiste às tentativas, tanto de judeus quanto de cristãos, de politizar a mensagem bíblica. Por um lado, o ataque divino à resistência de Jonas não deve ser atribuído a uma estreiteza pós-exílica, mas está teologicamente fundamentado na natureza de Deus como Criador. Por outro lado, a interpretação segundo a qual a resistência de Jonas surge por causa da inclusão das nações não deve ser descartada como um viés cristão posterior, mas constitui um testemunho genuíno do Antigo Testamento dirigido contra uma má compreensão da eleição de Israel (Childs, 1979, p. 426-427, tradução nossa).

Agora, voltando o olhar para o texto objeto deste estudo, isto é, Jn 2,1-2.11, quando, na narrativa, o Senhor envia o grande peixe para engolir Jonas (Jn 2,1a), preserva-o com vida e, por fim, ordena ao peixe que o vomite na praia (Jn 2,11), apresenta-se com uma imagem de Deus onipotente (criador) e misericordioso. Enquanto onipotente e criador, Deus tem controle sobre toda a criação, a ponto de enviar e ordenar o cetáceo para engolir Jonas no mar e para vomitá-lo na praia. Nesse ato de salvação do profeta desobediente, revela-se a grande misericórdia de Deus. Essa misericórdia que Deus teve com Jonas é a mesma que Ele manifesta em relação aos ninivitas e aos marinheiros. Nesse sentido, de acordo com Cavallotto,

> Emerge uma clara mensagem teológica: 'a salvação vem do Senhor' (Jn 2,10). Deus não apenas fez o mar e a terra (cf. Gn 1,9), mas governa com a sua onipotência e estende a sua salvação e o seu perdão misericordioso a todas as criaturas que estão dispostas a abandonar os caminhos do mal. Contra a tentação de um nacionalismo fechado e ressentido em relação aos outros povos e contra a pretensão de Israel de ser o único povo escolhido e salvo por Deus, no livro de Jonas aparece de forma clara a convicção da salvação universal, estendida também às nações pagãs, como os habitantes de Nínive (Cavallotto, 2023, p. 397, tradução nossa).

Deus, em sua pedagogia, quer a conversão de todos. "No livro de Jonas estão presentes três conversões, com modalidades e significados diversos: a conversão dos marinheiros, dos ninivitas e de Jonas" (Cavallotto, 2023, p. 399). No caso específico de Jonas, que foi engolido pelo grande peixe, quando ele se dá conta de que sua vida está em grave perigo, imediatamente invoca o Senhor (Jn 2,2) por meio de sua oração, que assume a forma de um salmo (Jn 2,3-10). Jonas é "o *typos* do homem fechado em si mesmo, incapaz de compartilhar a misericórdia e o perdão divinos para com os

pecadores" (Cavallotto, 2023, p. 398), mas mesmo nessas circunstâncias Deus age com paciência em relação ao seu profeta rebelde e o salva.

Considerando o Novo Testamento, as tradições evangélicas interpretam o sinal de Jonas de maneiras diversas, de acordo com o contexto em que foram escritas. Este estudo concentrou-se no Evangelho de Mateus, mas, ainda assim, de acordo com Chow (1995, p. 211-213), a fonte Q entende que o sinal de Jonas é a vinda do Filho do Homem na parusia. Mateus vê o sinal como indicativo da morte e da ressurreição de Jesus, enquanto Lucas o relaciona com a pregação da Igreja. Apesar de a aplicação da história de Jonas, em geral, ter variado conforme os diferentes contextos da Igreja primitiva, no que diz respeito especificamente ao sinal de Jonas, foi a interpretação mateana que predominou, talvez em razão da citação explícita de Jn 2,1 em Mt 12,40. A interpretação mateana foi também a que se impôs nas representações de Jonas nas artes, nas quais ele simboliza a esperança cristã na ressurreição.

Referências

ALETTI, Jean-Noël. *Gesù:* una vita da raccontare, il genere letterario dei vangeli di Matteo, Marco e Luca. Milano: San Paolo; G&BPress, 2017.

ALONSO SCHÖKEL, Luis. *Dizionario di Ebraico Biblico*. Torino: San Paolo, 2013.

ALONSO SCHÖKEL, Luis; SICRE DÍAZ, José Luis. *I Profeti.* Roma: Borla, 1996.

ARISTÓTELES. *História dos Animais II:* Livros VII-X. Lisboa: INCM, 2008.

BAUER, Johannes Baptist. "Drei Tage". *Biblica,* Roma, v. 39, n. 3, p. 354-358, 1958. Disponível em: http://www.jstor.org/stable/42636647. Acesso em: 20 dez. 2025.

BOTTERWECK, Gerhard Johannes. *dāg. In:* BOTTERWECK Gerhard Johannes; RINGGREN, Helmer (ed.). *Grande Lessico dell'Antico Testamento.* Brescia: Paideia, 2002. c. 2, p. 150-159.

CAVALLOTTO, Giuseppe. *Il grido dei profeti:* parole senza tempo. Milano: San Paolo, 2023.

CHILDS, Brevard Springs. *Biblical Theology of the Old and New Testaments.* Minneapolis: Fortress Press, 1993.

CHILDS, Brevard Springs. *Introduction to the Old Testament as Scripture.* Philadelphia: Fortress Press, 1979.

CHILDS, Brevard Springs. *The Book of Exodus:* A Critical, Theological Commentary. Louisville: Westminster John Knox Press, 2004.

CHOW, Simon. *The Sign of Jonah Reconsidered:* A study of its meaning in the Gospel Traditions. Stokholm: Almqvist & Wiksell International, 1995.

COUFFIGNAL, Robert. Le Psaume de Jonas (Jonas 2,2-10): Une catabase biblique, sa structure et sa function. *Biblica*, Roma, v. 71, n. 4, p. 542-552, 1990.

CHRISTENSEN, Duane Lewis. The song of Jonah: a metrical analysis. *Journal of Biblical Literature,* Atlanta, v. 104, n. 2, p. 217-231*,* 1985.

CROSS, Frank Moore. Studies in the Prosody of Hebrew Verse: The Prosody of the Psalm of Jonah. *In:* HUFFMON, Herbert B.; SPINA, Frank A.; GREEN, Alberto R. W. (eds.). *The Quest for the Kingdom of God: Studies in Honor of George E. Mendenhall.* Winona Lake: Eisenbrauns, 1983. p. 159-167.

D'HAMONVILLE, David-Marc. *Il Profeta e la Balena:* rileggere il libro di Giona Milano: TS Edizioni, 2022.

ELLIGER, Karl; RUDOLPH, Wilhelm (ed.). *Biblia Hebraica Stuttgartensia.* 5. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgeselschaft, 1997.

FERNANDES, Leonardo Agostini. *Jonas*. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2012.

HOUSE, Paul R. *The Unity of the Twelve*. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1990.

ISTITUTO DE AGOSTINI. *Latino:* Un dizionario completo, una grammatica essenziale. Novara: De Agostini, 2009.

JOÜON, Paul; MURAOKA, Takamitsu. *A Grammar of Biblical Hebrew*. 2. ed. Roma: G&BPress 2013.

KITTEL, Gerhard; FRIEDRICH, Gerhard (ed.). *Grande Lessico del Nuovo Testamento*. Brescia: Paideia, 1981.

LA BIBBIA DI GERUSALEMME. Testo biblico di "La Sacra Bibbia della CEI". Trento: EDB, 2014.

LANDES, George Matthew. The 'Three Days and Three Nights' Motif in Jonah 2,1. *Journal of Biblical Literature,* Atlanta, v. 86, p. 446-450, 1967.

LEVENSON, Jon Douglas. *Creation and the Persistence of Evil:* The Jewish Drama of Divine Omnipotence. New Jersey: Princeton University Press, 1994.

LIMA, Maria de Lourdes Corrêa. Doze Profetas ou Livro dos Doze? *Atualidade Teológica,* Rio de Janeiro, v. 26, p. 194-216, 2007. Disponível em: https://doi.org/10.17771/PUCRio.ATeo.18532. Acesso em: 20 dez. 2025.

LUZ, Ulrich. *Vangelo di Matteo:* Commento ai capitoli 8-17. Brescia: Paideia, 2010.

MAIER, Gerhard. *Der Prophet Jona*. Wuppertal: R. Brockhaus, 1976.

MONTANARI, Franco. *Vocabolario della Lingua Greca*. 3. ed. Torino: Loescher, 2013.

NOGALSKI, James. *Redactional processes in the Book of the Twelve*. Berlin: De Gruyter, 1993.

PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *A interpretação da Bíblia na Igreja* – 1993. *In:* DOCUMENTOS sobre a Bíblia e sua Interpretação (1893-2010). 2. ed. São Paulo: Paulus, 2019. p. 167-275.

PIKAZA IBARRONDO, Xabier. *Evangelio de Mateo*: de Jesús a la Iglesia. Estella: Verbo Divino, 2017.

RAHLFS, Alfred; HANHART, Robert (eds.). *Septuaginta*. Editio Altera. Stuttgart: Deutsche Biblegeselschaft, 2006.

SASSON, Jack M. *Jonah:* A new translation with introduction, commentary, and interpretation. New Haven; London: Yale University Press, 2008.

SCALABRINI, Patrizio Rota. *Livros Proféticos*. Petrópolis: Vozes, 2019.

SMITH, John Merlin Powis; BEWER, Julius A. *A critical and exegetical commentary on Haggai, Zechariah, Malachi and Jonah*. New York: T&T Clarck, 1912.

SOGGIN, Jan Alberto. Il 'segno di Giona' nel libro del Profeta Giona. *Lateranum,* Roma, v. 48, p. 70-74, 1982.

TIEMEYER, Lena-Sofia. A New Look at the Biological Sex/Grammatical Gender of Jonah's Fish. *Vetus Testamentum,* Leiden, v. 67, p. 307-323, 2017. Disponível em: https://doi.org/10.1163/15685330-12341267. Acesso em: 20 dic. 2025.

TIEMEYER, Lena-Sofia. *Jonah through the Centuries.* Hoboken: John Wiley & Sons, 2022.

WALSH, Jerome Thomas. Jonah 2,3-10: A Rhetorical Critical Study. *Biblica,* Roma, v. 63, p. 219-229, 1982.

WALTKE, Bruce K.; O'CONNOR, Michael Patrick. *An Introduction to Biblical Hebrew Syntax*. Winona Lake, IN: Eisenbrauns,1990.

WEBER, Robert; GRYSON, Roger (ed.). *Biblia Sacra Vulgata:* Iuxta Vulgatam Versionem. 5. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgeselschaft, 2007.

Estudos Bíblicos

OPEN ACCESS

Distribuído sob Creative Commons CC-BY 4.0
© 2025 aos autores.
Publicado e Distribuído por ABIB

Revista Oficial da ABIB –
Associação Brasileira de Pesquisa Bíblica